

Desconstruindo mitos e realocando fronteiras: Contribuições da psicologia clínica para além do consultório



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.007-074>

Sergio Fernandes Senna Pires

Câmara dos Deputados – Consultoria Legislativa

E-mail: sergio.senna.pires@gmail.com

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/1997027402860999>

RESUMO

Neste ensaio teórico, abordamos a necessidade de reposicionar a Psicologia Clínica, destacando seus desafios ao ser confinada por preconceitos que a limitam a aplicação do seu conhecimento aos espaços terapêuticos tradicionais. Refletimos sobre a necessidade da superação, ainda que parcial, da fragmentação do conhecimento psicológico para a promoção da elaboração de abordagens mais integrativas. Destacamos a resistência proveniente da genérica associação da Psicologia Clínica ao modelo médico ou à dicotomia saúde versus doença. No sentido de enfrentarmos essa equivocada concepção, destacamos a importância da realização de uma articulação integrativa entre os

saberes construídos em diversos campos da Psicologia. Trazemos exemplos para mostrarmos a necessidade da utilização de estratégias inovadoras na integração de abordagens transversais e heterodoxas, incluindo contribuições da Psicologia Clínica nesse sentido. Destaca-se a aplicação de técnicas clínicas adaptáveis para contextos não tradicionais, como o Psicodrama na educação socioemocional, evidenciando a relevância dessa adaptação para o enfrentamento de questões como a violência e a desconstrução de preconceitos. Conclui-se que a promoção de uma Psicologia mais integrativa é fundamental para aprofundar o conhecimento e encontrar soluções para problemas complexos. Ao desafiar preconceitos e ampliar o escopo de aplicação de conhecimentos prático-científicos provenientes da Psicologia Clínica, destacamos o seu potencial de contribuição para a construção de uma compreensão mais abrangente do ser humano.

Palavras-chave: Psicologia clínica, Saúde.

1 INTRODUÇÃO

1.1 DESMISTIFICANDO LIMITAÇÕES E EXPANDINDO HORIZONTES NA PSICOLOGIA CLÍNICA

A Psicologia Clínica é uma área de estudo crucial para a compreensão da complexidade do ser humano como síntese de seus processos biopsicológicos. Entretanto, sua atuação, frequentemente, se depara com preconceitos e limitações que a restringem a um limitado espaço, na maioria dos casos, as quatro paredes do consultório. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo principal apresentar e refletir sobre alguns desses preconceitos, explorando a resistência em adaptar o conhecimento científico construído, na pesquisa em Psicologia Clínica, para outras áreas do conhecimento psicológico.

No âmbito desse estudo, adotamos o entendimento de que o preconceito consiste em uma crença, desprovida de sustentação em evidências, que se generaliza e pode predominar na orientação do processo decisório humano (PIRES, 2023a).



É antiga a preocupação da pesquisa científica em estudar os preconceitos e os estereótipos em relação à Psicologia. De Almeida (1978) realizou uma pesquisa com 180 sujeitos, entre médicos, engenheiros, professores e estudantes de Psicologia na qual buscou levantar a percepção social do psicólogo. Tal pesquisa mostrou que as pessoas concebem o exercício da Psicologia como um lugar para pessoas observadoras, equilibradas e atenciosas.

Mais recentemente, a fragmentação da Psicologia, em áreas, vem sendo tratada como uma expressão da diversidade na profissão, conforme sustentado pelo Conselho Federal de Psicologia (2022) a partir dos dados de uma pesquisa que envolveu 20.207 profissionais da área. Não obstante o que é sugerido por essa visão mais atual, existem preconceitos e um dos mais persistentes, que a Psicologia Clínica enfrenta, é a concepção de que sua aplicação se restringe ao âmbito individual e ao consultório (ZILIOTTO *et al.*, 2014).

Isso vem sendo historicamente mitigado pela possibilidade do mesmo profissional assumir diversas identidades profissionais. O censo da Psicologia (CFP, 2022) também evidencia essa tendência. A pesquisa nos mostra que 89% dos profissionais que inicia suas atividades na Psicologia Clínica, nela declararam permanecer. Nesse universo, 49,5% mencionaram que acrescentaram outra área de atuação, dado que colabora com a nossa tese de que o profissional acaba por transitar em variados espaços e se tornar a síntese de suas experiências, conhecimentos e práticas. Então, segundo essa tendência, a própria pessoa pode fazer a integração dos seus saberes por meio do exercício profissional em diversas áreas.

Exemplificando tal limitada visão, observamos a crença arraigada de que seu olhar é patologizante e vinculado, necessariamente, ao modelo médico (MICHELS, 2005). Além disso, não raras vezes, é percebida como necessária apenas diante de intervenções em saúde mental, o que contribui para perpetuar a ideia de que seu foco reside exclusivamente nos problemas de ajuste, adaptação e comportamento, quando determinado indivíduo se apresenta desadaptativo, como em casos de automutilação, por exemplo. Nesse contexto, observamos que o conhecimento psicológico, proveniente da clínica, foi apartado de certos espaços tais como o escolar e o organizacional, por exemplo.

Tal sugestão encontra sustentação ao observarmos as reflexões sobre a formação da identidade na Psicologia Escolar e Educacional. A partir dessas ideias podemos perceber e inferir os questionamentos sobre as vantagens, desvantagens e o possível aproveitamento do conhecimento proveniente da Psicologia Clínica (SOUZA FILHO *et al.*, 2023), sob o ponto de vista de teóricos da Psicologia Escolar e Educacional. Na direção de buscarmos explicações para essas observações, um dos aspectos que podemos levantar é o indicativo sobre a fragmentação do olhar científico, ainda que dentro da mesma área do conhecimento. A incipiência de uma visão integrativa dificulta que o conhecimento produzido no âmbito da Psicologia Clínica seja adaptado, e colabore com outras áreas.



A título de exemplo e em contraposição a essa postura, podemos argumentar que os conhecimentos, inicialmente construídos sob a ótica do estudo de problemas de ansiedade pela Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC) podem ser igualmente úteis para a compreensão do arranjo psicológico saudável. É o caso dos elementos teóricos referentes aos erros de cognição (BECK, 2020), que se referem às formas intrapsicológicas de inferência e generalização de conceitos e como esses processos se relacionam com a eliciação de emoções, das operações entre os conceitos semióticos e a orientação do processo decisório. Esse conhecimento é crucial, por exemplo, para a compreensão detalhada da internalização, um dos conceitos-chave da Psicologia Cultural (PIRES, 2023b) e da própria formação de preconceitos.

É importante ressaltar que, dentro do amplo campo da Psicologia Clínica, é necessário reconhecer a riqueza e a diversidade de abordagens teóricas e práticas que coexistem. Nosso exemplo anterior enfoca uma contribuição da perspectiva cognitivo-comportamental. No entanto, enfatizamos que a nossa intenção é reforçar a ideia de que a Psicologia Clínica engloba uma variedade de teorias e métodos, desde as abordagens psicodinâmicas até as humanistas e integrativas. Cada uma dessas vertentes oferece uma compreensão única do comportamento humano, ampliando o escopo teórico para além dos processos cognitivos, oportunidade que deve ser, por nós, aproveitada.

Destacando essa concepção das contribuições da Psicologia Clínica em um panorama diversificado, desejamos focar a elevada capacidade desse campos da Psicologia em se adaptar e responder a uma ampla gama de questões psicológicas que vão se colocando ao longo da História. Além disso, proporciona uma riqueza de estratégias terapêuticas e diversificadas formas de intervenção para lidar com questões do dia-a-dia. Portanto, ao superarmos preconceitos em relação à Psicologia Clínica, é possível articular um vasto conjunto conceitual que pode contribuir, significativamente, para a compreensão e promoção do bem-estar psicológico nos ambientes em geral.

Nesse contexto, o estudo dos processos intrapsicológicos sempre consistiu em desafio permanente para a Psicologia, pois o arsenal metodológico sempre foi muito exíguo. Diversos métodos não apresentam a sensibilidade suficiente para evidenciar aspectos encobertos e processos complexos, como as emoções, por exemplo. Recentemente, com o desenvolvimento de novas técnicas e equipamentos, como a ressonância magnética funcional, alguns avanços científicos significativos puderam ser realizados (SANTOS, 2022). Esses progressos têm colaborado para a superação do dilema corpo-mente e para que ampliemos nossas concepções sobre as relações entre os processos psicológicos e o cérebro.

Precisamos, portanto, desafiar a crença de que o conhecimento produzido no contexto clínico está aprisionado em algum lugar entre os polos normal e anormal ou entre os estados de saúde e doença. Tal objetivo pode ser alcançado quando se adotamos enquadramentos sistêmicos cujos conceitos nos ajudam a articular diversas produções de distintas áreas do conhecimento psicológico.



Nesse sentido, apesar de não ser nosso objetivo aprofundar a reflexão sobre a possível articulação mais ampla entre áreas de conhecimento psicológico, indicamos que a Teoria Geral dos Sistemas (DE ARAUJO, 2020) e a Teoria da Complexidade (MORIN, 2005, 2015) proporcionam suporte para a realização de uma abordagem integrativa. Elas enfatizam a integralidade e a importância das relações entre sistemas e os seus subsistemas. Então, quando fragmentamos os estudos, em Psicologia, acabamos por eliminar olhares e conhecimentos relevantes para a tão desejada compreensão dos aspectos intrapsicológicos e relacionais. Ao enfrentarmos esses conhecidos, mas pouco visíveis, preconceitos ressaltamos a necessidade da promoção de uma visão mais ampla e integrativa em Psicologia, propósito para o qual essa reflexão se propõe a contribuir.

1.2 PRECONCEITOS E ESTIGMAS NA APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA CLÍNICA EM CONTEXTOS NÃO TRADICIONAIS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

A Psicologia Clínica, embora seja uma área teórico-prática fundamental para a compreensão do ser humano, enfrenta preconceitos e estigmas quando seu corpo teórico é aplicado fora do contexto tradicional do consultório. Existe um receio de adotar referenciais teóricos clínicos em outras áreas da Psicologia, como nas escolas ou empresas. Isso está, muitas vezes, apoiado na pressuposição de que esse conhecimento esteja enraizado no modelo médico ou associado à histórica patologização dos comportamentos (REBOUÇAS; DUTRA, 2010). Neste contexto, é relevante que explicitemos essas ideias para influirmos na desconstrução e desmistificação de tais receios, destacando os desafios e as oportunidades de utilizarmos o conhecimento proveniente da Psicologia Clínica, em distintos cenários.

Conseqüentemente, o nosso enfoque prioritário sobre os possíveis preconceitos sofridos pela Psicologia Clínica, não implica que desejamos aponta-la como a única solução para problemas psicológicos. Seu relativo isolamento decorre da intensa fragmentação que todos os campos do saber sofreram ao longo do Séc. XX (HIBBERD; PETOCZ, 2023). Isso não ocorreu apenas com a Psicologia, tornando-se um padrão para o qual destacamos a necessidade da adoção de uma abordagem mais abrangente que se oriente no sentido oposto à fragmentação. Sob essa ótica, enquanto a Psicologia Clínica aporta detalhes sobre aspectos individuais e intrapsicológicos, a Psicologia Social, a Educacional e a Organizacional, por exemplo, oferecem perspectivas igualmente valiosas para a compreensão das dinâmicas sociais, educacionais e organizacionais que também compõem o ecossistema humano (PIRES, 2023b).

Nossa argumentação indica para a necessidade de articulação dessas diferentes áreas do saber psicológico na direção de, não apenas enriquecer a compreensão dos fenômenos, mas também de ampliar as possibilidades de intervenção, podem promover a elaboração de soluções mais integrais e adaptativas aos diversos contextos em que os desafios psicológicos se manifestam. Portanto, uma abordagem transdisciplinar, considerando a sinergia entre diversas áreas da Psicologia, pode



proporcionar percepções mais completas e eficazes para enfrentar as questões que se apresentam em cenários de crescente complexidade.

Entretanto, distintamente ao que acabamos de apresentar, a Psicologia, ao ingressar em ambientes escolares ou empresariais, muitas vezes, hesita em incorporar perspectivas clínicas devido à possibilidade de associação com a patologização dos comportamentos (RONDINI; MARTINS; INCAU, 2020). Por exemplo, ao lidar com questões comportamentais em sala de aula, educadores podem reear a aplicação de conhecimentos e práticas provenientes da clínicas, ainda que adaptadas, temendo que isso gere uma visão reducionista acerca do fracasso escolar em face aos desafios enfrentados pelos estudantes. Esse assunto é extensivamente tratado na literatura especializada da Psicologia Escolar (MARTINS, 2019; FIRBIDA; VASCONCELOS, 2019; MIRALLIA *et al.*, 2023). Mencionamos esse aspecto, ainda que não seja o nosso propósito nos aprofundarmos nas razões pelas quais esse preconceito possa ter se estabelecido, bastando que se consulte a literatura referenciada, a partir da qual muitos detalhes sobre esse tema podem ser analisados.

Entretanto, nossa ênfase é em pontuar que essa resistência, compreensível a partir de determinados pontos de vista e de certos exemplos concretos (FIRBIDA; VASCONCELOS, 2019; SCARIN; SOUZA, 2020), pode resultar na perda de oportunidades valiosas para abordar questões psicológicas e promover o bem-estar, em diversos contextos.

Um dos aspectos que devemos destacar é o fato da Psicologia Clínica não se limitar à resolução de problemas após sua manifestação, mas também oferecer conhecimentos valiosos para a prevenção e promoção da saúde mental. Projetos comunitários, por exemplo, podem incorporar estratégias, originalmente desenvolvidas no contexto clínico, para fortalecer o bem-estar desde cedo, mitigando assim a associação exclusiva com abordagens meramente reativas e curativas.

Nesse contexto existem estratégias, desenvolvidas no seio da Psicologia Clínica, que são coletivas, como o Psicodrama, por exemplo. Essa técnica, proposta por Moreno (1993), pode ser muito bem sucedida em um programa de educação socioemocional ou de enfrentamento aos preconceitos. Da mesma forma, em empresas, a aplicação de estratégias clínicas pode contribuir para o desenvolvimento de ambientes de trabalho mais equitativos, colaborativos, e menos violentos.

Essa concepção fragmentadora se opõe a uma visão integrativa que permitiria que o conhecimento produzido na Psicologia Clínica colaborasse de maneira mais eficaz com outras áreas. Além disso, acalenta o imaginário de que seria possível fazer uma assepsia dentro do próprio campo de conhecimento, banindo a Psicologia Clínica das demais práticas da área como um todo. Na melhor das hipóteses, o que ocorre é o confinamento das práticas e do conhecimento clínico aos seus espaços terapêuticos.

Então, o desejo, nem sempre explícito e facilmente identificável, de delimitar o seu próprio campo de atuação e de construir práticas novas, sem o apoio teórico de outras áreas, pode apresentar



o efeito secundário da rejeição do que já existe. A falta de uma abordagem integrativa pode limitar, portanto, a compreensão, a adaptação e a aplicação do conhecimento existente, dificultando a resposta a questões complexas que envolvem distintos sistemas e subsistemas psicológicos.

Mesmo no campo de abordagens com inspiração integralizadoras, como o da Psicologia Cultural (PIRES, 2023b), por exemplo, existe uma carência metodológica e de instrumentos capazes de prover inteligibilidade sobre processos intrapsicológicos. Tal carência se percebe quando conceitos importantes como o de separação inclusiva, de internalização e externalização, entre outros não são apresentados nem descritos em detalhes. Além das iniciativas próprias da Psicologia Cultural para superar essas limitações (WATZLAWIK; SALDEN, 2022), a contribuição da Psicologia Clínica pode ser fundamental. Nesse sentido, notam-se as primeiras iniciativas para a reflexão sobre uma Psicologia Cultural Clínica (PIRES, 2023c; RONCANCIO-MORENO; OCAMPO-CEPEDA ;CLEVES-VALENCIA, 2023).

No caminho para superar essa lacuna, a articulação de conceitos de teorias integrativas, tais como a Teoria Geral dos Sistemas (DOS SANTOS, 2020) ou a Teoria da Complexidade de Morin (2005, 2015) podem ser utilizadas como um enquadramento maior a partir do qual diversas contribuições, ainda que produzidas de forma fragmentada, possam fazer sentido, como um conjunto. Essa forma de pensar enfatiza a integralidade e as relações entre sistemas, sugerindo que a fragmentação do olhar científico pode, em decorrência dos seus nefastos resultados, promover a invisibilização de aspectos cruciais para a compreensão de certos fenômenos psicológicos. Portanto, ao integrarmos conceitos provenientes de abordagens da Psicologia Clínica com outras áreas, como a Psicologia Social, Psicologia Educacional e Escolar e Psicologia do Desenvolvimento, só para mencionar algumas, podemos obter uma compreensão mais abrangente e compreensiva do ser humano.

1.3 FORMAS INOVADORAS PARA A ARTICULAÇÃO DO CONHECIMENTO PSICOLÓGICO: UMA ABORDAGEM INTEGRATIVA

A partir da articulação teórica que estamos realizando, é possível afirmar que a contribuição proveniente da Psicologia Clínica é fundamental para a elaboração de estratégias inovadoras que transcendam à abordagem tradicional de problemas e, principalmente, para a compreensão de processos intrapsicológicos complexos. Por exemplo, quando precisamos traçar as interconexões entre a ação recursiva das emoções, os diversos elementos cognitivos e a organização do ecossistema cultural em nível social, carecemos de detalhamento sobre possíveis modelos de como ocorrem as operações recursivas dos processos psicológicos entre si.

Então, existem abordagens, como a TCC, por exemplo, que destacam a influência das crenças e pensamentos automáticos nas emoções e comportamentos individuais, oferecendo uma base



conceitual e empírica sólida (ALFORD; BECK; JONES JR, 1997) para a elaboração de compreensões teóricas transversais e inovadoras, para aplicação fora do contexto clínico.

Aplicando esse ponto de vista ao nosso caso, a interação entre emoções, crenças e pensamentos automáticos pode ser exemplificada pela tendência de generalização apressada que ocorre na formação dos preconceitos, tais como os que estamos apresentando e dos quais a Psicologia Clínica é vítima. Em situações de confronto com o objeto do preconceito, emoções negativas, como o medo ou a aversão, podem intensificar pensamentos automáticos distorcidos, promovendo um efeito recursivo e de permanência dos estereótipos prejudiciais. Isso pode ser evidenciado pelo distanciamento que se tenta impor aos psicólogos clínicos dos ambientes como escolas ou empresas.

De forma análoga, e aplicando um raciocínio reverso, a adoção de estratégias coletivas, que mobilizem as emoções, em um nível vivencial, pode ter impactos transversais positivos em vários elementos da estrutura cognitiva para a desconstrução desses mesmos preconceitos. Então, segundo esse olhar, é exatamente a articulação, o trabalho conjunto e a colaboração que serão as estratégias mais eficazes para enfrentar o isolamento da Psicologia Clínica.

Além disso, como destacado na introdução, a apropriação de técnicas clínicas pode ser muito positiva em outros contextos. Um exemplo é a utilização do Psicodrama, uma técnica terapêutica, proposta por Moreno (1993) como uma forma para explorar dinâmicas sociais e individuais de maneira dramática e participativa. No psicodrama, os participantes representam papéis em situações específicas, promovendo uma compreensão mais profunda de emoções, crenças e interações sociais do dia-a-dia dos sujeitos.

No contexto escolar, por exemplo, o psicodrama pode ser adaptado para além de suas aplicações clínicas e de forma inovadora para enfrentar o preconceito. Através de atividades psicodramáticas, os estudantes podem vivenciar e explorar emoções associadas ao preconceito, promovendo empatia e compreensão mútua. Por exemplo, uma atividade poderia envolver representações dramáticas de situações em que ocorre discriminação no dia-a-dia de um estabelecimento de ensino, permitindo que os participantes experimentem as emoções envolvidas. Apesar da brevidade de nossa explicação, é importante destacar que o psicodrama não é apenas uma técnica teatral, mas um instrumento de intervenção, em psicoterapia, que necessita de formação especializada para a sua adequada adaptação e condução.

Outra abordagem inovadora pode ser a integração de técnicas de realidade virtual para criar experiências imersivas que evoquem emoções relacionadas ao preconceito. Essas experiências virtuais podem ser guiadas por princípios da TCC, com base nos elementos da cultura coletiva que orientam as práticas sociais evidentes e veladas, levantados pelos métodos da Psicologia Cultural (PIRES, 2023b).



No entanto, tal visão integrativa não apresenta somente vantagens mas também grandes desafios. Dessa forma, a presente análise reconhece a necessidade premente de abordar não apenas os benefícios, mas também as possíveis limitações associadas à integração do conhecimento científico produzido na Psicologia Clínica, em ambientes não convencionais. Em primeiro lugar, a adequação e adaptação das abordagens clínicas para atender às demandas específicas de cenários como escolas, empresas e comunidades exigem uma cuidadosa reflexão sobre a generalização e eficácia dessas técnicas em relação às características e especificidades de cada contexto.

Ademais, a interação com profissionais de diferentes áreas da Psicologia, como Psicologia Social, Educacional e Organizacional, pode suscitar desafios na integração de perspectivas diversas. A discussão dessas potenciais dificuldades não apenas aprimora a compreensão da complexidade envolvida, mas também habilita os profissionais para lidar, adaptativamente, com obstáculos emergentes e deve ser objeto de estudos específicos.

É necessário, portanto, que a sinergia promovida por meio da articulação do que antes era fragmentado, seja aproveitada. Isto favorece o surgimento de estratégias híbridas, heterodoxas e vivenciais que podem se mostrar aptas para orientar a compreensão de processos psicológicos complexos que apenas uma abordagem seria incapaz de evidenciar. Quanto a isso, devemos nos livrar de nossos próprios preconceitos em relação à adaptação de técnicas provenientes da Psicologia Clínica para o uso comunitário. Isso pode desempenhar um papel crucial na promoção de mudanças significativas, contribuindo para a construção de ambientes mais inclusivos e respeitosos.

2 CONCLUSÃO: DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS PARA AMPLIAR IMPACTOS POSITIVOS

Ao longo de nossa argumentação buscamos destacar os desafios enfrentados pela Psicologia Clínica ao ser limitada por preconceitos que a confinam aos espaços psicoterápicos, restringindo sua aceitação e emprego em contextos não tradicionais.

Quando exemplificamos, utilizando a reflexão sobre a construção da identidade da Psicologia Escolar, buscamos evidenciar a fragmentação do olhar científico, a demarcação de fronteiras entre distintas visões no interior da mesma área do conhecimento, o que dificulta a integração de distintos saberes. Mostramos que a ingênua e compreensível resistência em associar-se ao modelo médico ou à aceitação da dicotomia saúde versus doença pode resultar na eliminação de relações importantes entre diferentes abordagens psicológicas.

Sinalizamos, então, para a construção de uma articulação integrativa, enfatizando a necessidade de superar concepções reducionistas. Nesse contexto, argumentamos que a Teoria Geral dos Sistemas e a Teoria da Complexidade podem ser enquadramentos conceituais mais gerais e valiosos para promover essa convergência. Apontamos para a doção de uma visão ampliada que pode facilitar a



colaboração entre distintas áreas e promover uma compreensão mais abrangente dos fenômenos intrapsicológicos.

Exemplificando por meio da utilização de formas inovadoras de articulação do conhecimento psicológico, enfatizamos a importância da Psicologia Clínica na elaboração de estratégias transversais e heterodoxas. Destacamos a aplicação de técnicas oriundas da expertise clínica, adaptadas para outros contextos, podem se tornar estratégias eficazes para o enfrentamento à violência e para a desconstrução de preconceitos, por exemplo.

Ao superarmos a fragmentação do conhecimento, a sinergia resultante favorece o surgimento de estratégias híbridas e vivenciais, abrindo novos horizontes para a ocorrência de mudanças significativas em ambientes comunitários. Apontamos que a Psicologia Clínica, figurativamente representada pela Teoria Cognitivo-Comportamental, ao estudar detalhadamente os processos intrapsicológicos, oferece um exemplo prático de como uma abordagem clínica pode indicar pistas, não apenas sobre o funcionamento patológico, mas também para o desenvolvimento saudável desses processos. Dessa forma, evidenciamos que a Psicologia Clínica não se limita à resolução de problemas após sua manifestação, mas oferece conhecimentos valiosos para a prevenção e promoção da saúde mental.

Portanto, concluímos que a promoção de uma Psicologia mais integrativa e inovadora é fundamental para o aprofundamento da construção do conhecimento e para a busca de soluções para problemas complexos. Ao desafiar nossos próprios preconceitos e ampliar o alcance da Psicologia Clínica, contribuimos para a construção de ambientes interativos mais inclusivos e respeitosos, refletindo uma visão mais abrangente do comportamento humano no cenário contemporâneo.



REFERÊNCIAS

- ALFORD, Brad A.; BECK, Aaron T.; JONES JR, John V. The integrative power of cognitive therapy. 1997.
- BECK, Judith S. Cognitive behavior therapy: Basics and beyond. Guilford Publications, 2020.
- DE ALMEIDA, Antonio Ribeiro. Esteriótipo do psicólogo em quatro grupos profissionais: um estudo preliminar. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, v. 30, n. 1-2, p. 61-67, 1978.
- DE ARAUJO, Vania Maria Rodrigues Hermes. Sistemas de Informação e a Teoria do Caos. Editora Appris, 2020.
- FIRBIDA, Fabíola Batista Gomes; VASCONCELOS, Mário Sérgio. A construção do conhecimento na Psicologia: a legitimação da medicalização. Psicologia Escolar e Educacional, v. 23, p. e016120, 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019016120>
- HIBBERD, Fiona J.; PETOCZ, Agnes. Philosophy, realism and psychology's disciplinary fragmentation. Philosophical Psychology, v. 36, n. 3, p. 621-649, 2023. <https://doi.org/10.1080/09515089.2022.2081542>
- MARTINS, Hildeberto Vieira. Psicologia, colonialismo e ideias raciais: uma breve análise. Revista Psicologia Política, v. 19, n. 44, p. 50-64, 2019.
- MICHELS, Maria Helena. Paradoxos da formação de professores para a Educação Especial: o currículo como expressão da reiteração do modelo médico-psicológico. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 11, p. 255-272, 2005.
- MIRALLIA, Maria Clara Favarão Crespi *et al.* Concepções de professores sobre a atuação da psicologia no contexto escolar. Educação em Foco, v. 28, n. 1, p. e28004-e28004, 2023.
- MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. Editora Cultrix, 1993.
- MORIN, Edgar. O Método 1, 2, 3, 4, 5, 6 (Coleção). Editora Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo, 5. ed., Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PIRES, Sergio Fernandes Senna. Enfrentamento sustentável e integral à violência e aos preconceitos na escola: um desafio complexo, mas viável. Revista Contemporânea, v. 3, n. 07, p. 8012-8038, 2023a. <https://doi.org/10.56083/rev3n7-036>
- PIRES, Sergio Fernandes Senna. Psicologia Cultural: uma poderosa abordagem para a compreensão dos fenômenos humanos complexos. Revista Contemporânea, v. 3, n. 11, p. 19896-19920, 2023b. <https://doi.org/10.56083/rev3n11-004>
- PIRES, Sergio Fernandes Senna. Síndrome do esgotamento no trabalho: reflexões a partir da psicologia cultural clínica. In ANDRADE, R. H. (Org.). Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas: reflexões e propostas: Volume 1, São Paulo: Dialética, p. 221-206, 2023c. <https://doi.org/10.48021/978-65-270-0784-5-C11>
- REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010.



RONCANCIO-MORENO, M., OCAMPO-CEPEDA, R.P. ;CLEVES-VALENCIA, J.J. Towards a Semiotic Cultural Clinical Psychology: Contributions for the Discussion. Hu Arenas, 2023. <https://doi.org/10.1007/s42087-023-00372-4>

RONDINI, Carina Alexandra; MARTINS, Bárbara Amaral; INCAU, Camila. A superdotação invisível e a patologização de comportamentos desviantes da norma. Revista Cocar, v. 14, n. 30, 2020.

SANTOS, Sara Martins *et al.* Práticas Baseadas em Evidências em psicologia com foco na Terapia Cognitivo-Comportamental: revisão de literatura. ANALECTA-Centro Universitário Academia, v. 8, n. 1, 2022.

SCARIN, Ana Carla Cividanés Furlan; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Medicalização e patologização da educação: desafios à psicologia escolar e educacional. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, 2020. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020214158>

SOUZA FILHO, José Alves de *et al.* Notas sobre a formação do psicólogo escolar/educacional: revisão sistemática de 2009-2019. Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, p. e243249, 2023.

WATZLAWIK, Meike; SALDEN, Ska. Courageous Methods in Cultural Psychology. Springer, 2022.

ZILLOTTO, Denise Macedo *et al.* Concepções e expectativas de estudantes de psicologia sobre sua futura profissão. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 7, n. 1, p. 82-92, 2014.